

**VII Encontro Nacional de Estudos do Consumo**  
**III Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo**  
**I Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo**

**Mercados Contestados – As novas fronteiras da moral, da ética, da religião e da lei**

24, 25 e 26 de setembro de 2014

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Puc-Rio)

**Do “asfalto para a favela”, da “favela para o asfalto”: uma pesquisa etnográfica sobre a circulação e a vida social de móveis e eletrodomésticos**

Silvia Borges Corrêa<sup>1</sup>

Michele de Lavra Pinto<sup>2</sup>

A partir de uma perspectiva da Antropologia do Consumo, que tem como prerrogativa a visão relativizadora sobre o fenômeno do consumo, a pesquisa objetiva descrever e analisar as dinâmicas sociais e culturais que permeiam as trajetórias de móveis e eletrodomésticos em lares da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, delimitamos geograficamente os bairros de Copacabana e Ipanema, localizados na Zona Sul do Rio de Janeiro. É neste contexto que buscamos investigar as construções de valor, os significados e ressignificados dos objetos que circulam entre lares, bem como as formas de sociabilidade presentes nessas dinâmicas, ou seja, procuramos acompanhar o deslocamento e a transformação desses objetos de forma descritiva e analítica através dos diversos contextos sociais. Para melhor descrevermos a trajetória e significados dos móveis e eletrodomésticos para as famílias pesquisadas, nos valem do método etnográfico e, assim, estas (famílias) foram acompanhadas e entrevistadas, seja no “asfalto” ou na “favela”. A pesquisa com as famílias mostrou que há tanto redes verticais como redes horizontais na circulação de bens. Outro aspecto interessante diz respeito aos “espaços limiães”, espaços da casa ou da rua que são utilizados pelas famílias para “encostar”, a princípio em caráter provisório, os objetos que não são mais úteis ou desejados.

Palavras-chaves: consumo; cultura material; etnografia

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ). Professora da ESPM Rio. E-mail: [sborges@espm.br](mailto:sborges@espm.br)

<sup>2</sup> Doutoranda em História e Política pelo CPDOC da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Professora da ESPM Rio. E-mail: [mlavra@espm.br](mailto:mlavra@espm.br)

## **1- Introdução**

Durante muito tempo a área das Ciências Sociais estudava as sociedades a partir do seu processo produtivo, tendo o trabalho como uma das principais categorias para o seu entendimento. Atualmente, percebe-se que a compreensão de uma dada sociedade pode ser realizada também por aquilo que seus membros consomem. Nesse contexto, a área do conhecimento denominada Antropologia do Consumo, que tem como prerrogativa a visão relativizadora sobre o fenômeno do consumo, dá destaque à perspectiva que aponta para um afastamento em relação à visão das mercadorias como meras utilidades dotadas de valor de uso e de valor de troca. O foco da Antropologia do Consumo é acentuar a dimensão cultural que atravessa as práticas de consumo e, neste sentido, o consumo deve ser entendido como um processo sociocultural – que envolve, em um significado expandido, além do uso, a troca e também a criação de bens e serviços.

A partir desta perspectiva do consumo, ao olharmos para o universo dos objetos e acompanharmos suas histórias e trajetórias, é possível descrever o universo material e relacional de uma dada sociedade. É com este olhar que objetivamos descrever e analisar as dinâmicas sociais e culturais que permeiam as trajetórias de móveis e eletrodomésticos em lares da cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, delimitamos geograficamente os bairros de Copacabana e Ipanema, localizados na Zona Sul do Rio de Janeiro. Estes dois bairros, que representam um bom exemplo da coexistência e do convívio de pessoas de diferentes contextos socioeconômicos na cidade, são tipicamente caracterizados como bairros de classe média e alta, mas possuem agrupamentos habitacionais conhecidos como favelas ou comunidades. É neste contexto que investigamos as construções de valor, os significados e ressignificados dos objetos que circulam entre lares, bem como as formas de sociabilidade presentes nessas dinâmicas, ou seja, procuramos acompanhar o deslocamento e a transformação desses objetos de forma descritiva e analítica através dos diversos contextos sociais.

## **2- Referencial Teórico**

### Consumo e cultura material

Como apresentado acima, o tema central do estudo é a circulação dos objetos da casa, notadamente móveis e eletrodomésticos, com ênfase no descarte desses bens. No entanto, ao pesquisar as famílias, como já destacou Miller (2001, 2007, 2012, 2013) percebe-se que, quando se estuda a cultura material de um grupo, estudam-se não só as relações entre as pessoas e os objetos, mas também, e principalmente, a relação entre as pessoas. Assim, na perspectiva antropológica do consumo, os bens apresentam um duplo papel: de um lado, sem dúvida, provêm subsistência, mas, de outro, promovem relações sociais. É neste sentido que se torna possível afirmar que o consumo pode ser entendido como uma forma de comunicação entre as pessoas, na qual os objetos atuam como mediadores ou indexadores desse processo interativo: os bens são comunicadores. Numa simples frase, “as mercadorias são boas para pensar” (DOUGLAS; ISHERWOOD,

2004, p. 108). Logo, servem para produzir sistemas classificatórios a partir dos quais os grupos sociais demarcam fronteiras e diferenças entre si.

A partir dessas ideias, é possível perceber que, no âmbito da cultura de consumo, o indivíduo moderno tem consciência de que se comunica por meio de suas roupas, através de sua casa – significando do mobiliário, dos objetos de decoração, de seu carro, de suas atividades de lazer, dos lugares que frequenta – e que esses elementos, ou o conjunto desses elementos, serão interpretados e classificados em termos da presença ou da falta de gosto.

Campbell (2001, 2007) explica a centralidade do consumo na vida moderna através do lugar privilegiado que a emoção e o desejo, junto com a imaginação, ocupam na modernidade. Emoção, desejo e imaginação são expressões de subjetividade e de individualismo. A ênfase é, então, colocada no direito de os indivíduos decidirem, por si mesmos, que produtos e serviços consumir. Por isso, as atividades geralmente associadas ao termo “consumo” – como procura, compra e utilização de bens e serviços que atendam a nossas necessidades ou satisfaçam nossos desejos – são considerados tão importantes. Somente levando-se em conta o papel exercido pela emoção, pelo desejo e pela imaginação na construção das subjetividades e das individualidades contemporâneas é possível, na perspectiva do autor, explicar o consumismo moderno, fenômeno no qual o processo de querer e desejar é fundamental e estruturador da vida. É nesse contexto de subjetividade e individualismo que a identidade torna-se tema central para discutir o consumismo moderno.

Outro conjunto de autores relevantes por suas contribuições ao estudo antropológico do consumo são aqueles relacionados ao campo da cultura material, entre os quais destaca-se Miller (2002, 2007, 2010, 2012). Ele afirma que “estudos de cultura material trabalham através da especificidade de objetos materiais para, em última instância, criar uma compreensão mais profunda da especificidade de uma humanidade inseparável de sua materialidade.” (MILLER, 2007, p. 47). Desta forma, o papel dos objetos na formação das relações sociais é fundamental, pois é a partir da mercadoria que se produz tanto a relação entre ela mesma e as várias pessoas que com ela entram em contato, quanto a relação das pessoas entre si.

Miller (2010, 2012) mostra como os objetos (móveis, utensílios, itens de decoração, eletrodomésticos e eletroeletrônicos), seus usos e suas presenças em lares revelam sobre os relacionamentos humanos, sobre as sociedades e sobre as culturas. Em Teoria das Compras, Miller (2002) explica como as compras de abastecimento do lar são meios de expressão dos afetos que envolvem o(s) responsável(eis) por realizar as tais compras e os demais membros dos lares londrinos pesquisados. Em um trabalho posterior, Miller (2012) dá prosseguimento à ideia central presente em seus trabalhos – a ideia de que as pessoas se expressam através das suas posses e que, por extensão, essas posses “falam” sobre as vidas das pessoas – mas destaca análises que mostram como a cultura material ajuda as pessoas a lidarem com perdas e com mudanças ao longo de suas vidas. O autor afirma, assim, a centralidade da cultura material nos relacionamentos, e a centralidade dos relacionamentos na vida moderna.

Ainda no campo da cultura material, no que tange às questões referentes às relações entre consumidores e mercadorias, Appadurai (2008) é outra referência importante, considerando-se sua discussão sobre a construção do valor e o próprio conceito de mercadoria. Partindo da ideia de valor, em uma clara referência ao trabalho de Simmel (1978), Appadurai (2008, p. 15) afirma que “o valor jamais é uma propriedade inerente aos objetos, mas um julgamento que sujeitos fazem sobre ele”. Para Appadurai (2008), não se trata exatamente de definir *a priori* o que é mercadoria, mas sim de saber que tipo de troca é a troca de mercadorias. Com esse deslocamento da questão, é possível perceber que mercadorias são coisas em determinado situação; ou seja, ser mercadoria é circunstancial e não uma característica intrínseca ou que se determina na produção. Mercadoria não é um tipo de coisa, mas uma fase – a fase mercantil – na vida de algumas coisas.

Kopytoff (2008) propõe a pesquisa da biografia cultural dos objetos a fim de que sejam percebidas e analisadas suas fases de vida e as gradações, sobreposições e recorrências das classificações que os vulgarizam ou singularizam em determinada sociedade, acentuando, assim, a sua circulação e as ambiguidades das variações de seus *stati* sociais. O autor sugere que, através da análise das fases de vida de um objeto, é possível não só observar a interação do objeto na sociedade na qual está inserido, mas também explicitar algumas regras sociais do(s) grupo(s) estudado(s), seja através da afirmação da singularidade das práticas culturais do(s) grupo(s), seja pela troca com outros grupos e pelas suas formas de classificação e de singularização de objetos.

A perspectiva de biografia cultural, proposta por Kopytoff (2008), é apropriada ao estudo de coisas específicas que passam por mãos e por contextos, e que adquirem usos diferentes. Ao fazer uma biografia de um objeto, interroga-se sobre questões que vão desde de onde vem esse objeto e quem o fabricou, até como mudam os usos desse objeto à medida ele que envelhece e que destino tem quando sua utilidade chega ao fim. Desta maneira, é possível compreender sua trajetória de vida, e suas etapas de mercantilização e de singularização. Kopytoff (2008) chama a atenção para o fato de que a singularização de objetos é um processo que se dá, muitas vezes, dentro de pequenos grupos e de pequenas redes sociais, e que grande parte da singularização é alcançada pela referência à passagem do tempo. O processo de transformação de um objeto “comum” em antiguidade é um claro exemplo de singularização de objetos. No entanto, pode-se falar de outra forma de singularização: aquela que se processa com objetos de segunda mão. Recorrendo a Sahlins (1979), pode-se supor que itens de segunda mão, que podem ter sido adquiridos por meio de troca, de compra ou de doação, são apropriados segundo as lógicas culturais específicas e através de propósitos múltiplos. Os consumos “originais” são, muitas vezes, ignorados ou subvertidos, a partir do momento que esses itens aportam em outros grupos sociais, sendo incorporados aos universos culturais específicos de cada grupo.

### Populações de baixa renda

Além da teoria sobre o consumo e sobre a cultura material, torna-se importante referir-se a estudos realizados com populações de baixa renda. No Brasil, nos estudos que envolvem populações de baixa renda tem-se buscado desvendar aspectos relacionados à violência, à família, a gênero e à identidade, entre outros. Exemplo é o estudo de Sarti (1996), que, ao analisar famílias de baixa renda em São Paulo, procura descobrir com que categorias morais<sup>3</sup> elas se organizam, interpretam e dão sentido a seu lugar no mundo, e que salienta, assim, a dificuldade que homens e mulheres têm de afirmação individual, uma vez que as obrigações em relação a seus familiares devem prevalecer sobre os projetos individuais.

Outra pesquisa que retrata universo semelhante, mas noutro contexto geográfico, é a de Fonseca (2000, p.26), que demonstra, em uma comunidade pobre de Porto Alegre, denominada Vila<sup>4</sup> Cachorro Sentado, como a questão da honra figura como elemento simbólico-chave, ao mesmo tempo em que “regula o comportamento e define a identidade dos membros do grupo”. Ou seja, a honra é examinada como um regulador de interação partilhado pelos membros do grupo, independentemente de seus papéis, variando somente a idade, o sexo, e os *status* econômico e civil (FONSECA, 2000). Entre os jovens do sexo masculino, a projeção de uma imagem pública de prestígio se apoia na (...) bravura (coragem para matar um adversário, ajudar um amigo em perigo, resistir às investidas da polícia quando esta busca alguém na Vila), na virilidade (manifesta-se pela conquista sexual das mulheres), na generosidade (medida por virtudes sociais tais como amor pelas crianças, gastar dinheiro com quem precisa) (FONSECA, 2000, p.26).

O estudo de Caldeira (1984) retrata o cotidiano de moradores de um bairro da periferia de São Paulo, o Jardim das Camélias, a partir de representações e opiniões dos mesmos, ou seja, como concebem a sociedade em que vivem suas condições de vida entre outros elementos que vão definindo e contornando. O tema do consumo surge como um dos elementos destacados pela autora. A autora revela que embora as rendas familiares sejam resultados de estratégias diferentes e assim relacionadas a variadas relações no mercado de trabalho, há um momento que essas diferenças deixam de ser significativas: é o momento do consumo. Isso se mostra possível, uma vez que o rendimento das famílias é bastante semelhante e esse é um dos fatores segundo a autora que garantem uma homogeneidade às suas condições de vida.

Outra pesquisa realizada em São Paulo é a de Marques (2010), que sustenta a importância da sociabilidade para a compreensão das condições da pobreza urbana no que tange ao acesso a bens e serviços (obtidos via mercado) e no “provimento” aos indivíduos de elementos oriundos de trocas e apoio social. Assim, o autor explora as características das redes e sua variabilidade mapeando os mecanismos relacionais que explicam tanto diferenças entre redes quanto a sua mobilização diversificada pelos indivíduos. Este estudo sobre as

---

<sup>3</sup> A questão da moralidade no estudo de Sarti (1996, p.3) é considerada do ponto de vista antropológico numa perspectiva que a autora chama de durkheimiana, ou seja, no sentido “de que nega qualquer ‘essência’ boa ou má à ordenação moral que fazem os pobres do mundo social, mas busca compreender qual é a interpretação que os sujeitos envolvidos fazem de sua experiência de vida, expressa em suas normas e valores”.

<sup>4</sup> No Brasil há variações, de acordo com a região, quanto a terminologia dos locais, os quais, residem populações de baixa renda. Estes podem ser “chamados de comunidades, favela, morro, quebrada, palafita, gueto, assentamento, entre outros” (ATHAYDE, 2011, p. 402).

redes e suas diversidades ajuda a compreender a heterogeneidade das situações sociais, mesmo entre a população mais pobre, que segundo o autor é produzida pelos efeitos complexos dos “diversos atributos e processos, como escolaridade, idade, sexo”, além das decisões e estratégias ao longo da vida que influenciam eventos e dinâmicas que estão acima do controle dos indivíduos.

No Rio de Janeiro, o estudo de Zaluar (2000) aborda a pobreza e seus diferentes significados a partir dos moradores do conjunto habitacional Cidade de Deus. A autora relata as condições de vida e diferentes histórias que levam seus moradores a tornarem-se trabalhadores ou bandidos, categorias essas expostas pelos próprios moradores a partir de arranjos e de associações simbólicas, relacionadas, entre outros, ao uso da arma de fogo e à posse de dinheiro.

Embora em cidades distintas, todas essas pesquisas buscam, através dos recortes e de categorias estabelecidas pelas pesquisadoras, revelar o universo dessas populações. Valladares (2000) descreve como a favela foi introduzida e tratada no debate político-social na cidade do Rio de Janeiro. A autora discorre, ainda, sobre como, ao longo do século XX, foi sendo percebido e construído um saber sobre a favela, além de uma imagem negativa associando o local e seus moradores a pobreza, sujeira e malandragem. Já Machado da Silva (2011, p. 699) salienta que a questão das favelas costuma ser estudada sob dois tipos de análises: “a que pretende propor ‘soluções’ para o ‘problema social’ das favelas e a que pretende traçar linhas de ação político-ideológicas”. Mas, segundo o autor, é preciso ter ciência de que a favela não é um local homogêneo: ela possui diferenças internas, pois “não é uma comunidade isolada”. Ainda segundo o autor, a “própria existência depende muito mais de determinadas condições estruturais da sociedade global do que dos mecanismos internos desenvolvidos para mantê-la”. Nesse sentido, o elemento que pode e que merece ser acrescentado às pesquisas com populações de baixa renda - ou melhor dizendo, o que pode contribuir para esses estudos - é a análise da relação, através da “vida social” dos objetos, entre os moradores do “asfalto” e das favelas.

### **3- O Trabalho de campo: Notas metodológicas**

Para melhor descrevermos a trajetória e significados dos móveis e eletrodomésticos para as famílias pesquisadas, nos valem do método etnográfico e, assim, estas (famílias) foram acompanhadas e entrevistadas, seja no “asfalto” ou na “favela”.

Cabe ressaltar que o método etnográfico preconiza a realização de um trabalho de campo no qual são utilizadas duas técnicas – que se complementam na construção da “descrição densa” de um grupo, evento ou fenômeno social: a observação direta e as entrevistas em profundidade. Em relação à observação – observação participante, através do contato direto e da convivência com o grupo pesquisado busca-se conhecer o grupo ou o fenômeno em seus vários aspectos. Para tanto, faz-se necessário acompanhar o cotidiano e os momentos especiais – a rotina e os rituais – que se desenrolam nos ambientes pesquisados.

Essa abordagem própria da etnografia é que permite produzir um conhecimento diferente do obtido por intermédio da aplicação de outros métodos. Segundo salienta Magnani (2009, p.135), “trata-se de um empreendimento que supõe um determinado tipo de investimento, um trabalho paciente e contínuo ao cabo do qual e em alguns momentos, os fragmentos se ordenam, perfazendo um significado até mesmo inesperado”. Já no que tange às entrevistas, estas devem ser conduzidas através de um roteiro, de forma a permitir o fluxo do discurso dos entrevistados e ser preferencialmente gravadas (áudio) a fim de que possam ser posteriormente analisadas e delas retiradas as “categorias nativas” utilizadas pelo grupo pesquisado. Desse tipo de entrevista é possível obter as motivações, as definições, as classificações, os significados, enfim, a visão e a forma de perceber o mundo por parte dos membros do grupo.

A condução do trabalho de campo foi diferente no “asfalto” e na “favela”, pois as relações pesquisador-pesquisado foram construídas de maneira diferentes nesses dois espaços. Entre aquilo que poderíamos identificar como dificuldades encontradas no que tange aos aspectos metodológicos e de acesso às famílias, constatamos que as pessoas residentes no “asfalto” não têm o costume de abrir suas casas a pesquisadores, portanto, foi necessário recorrermos à rede de amigos, colegas e conhecidos a fim de identificarmos e entrarmos em contato com as famílias do “asfalto”. Após as indicações e o aceite em colaborar com a pesquisa as famílias mostraram-se mais disponíveis em dar entrevistas, entretanto o acompanhamento diário ou semanal da rotina revelou-se pouco eficiente, pois as pessoas alegavam o fato de trabalharem, a falta tempo, etc., elementos que implicavam estar poucas horas em casa. Buscando de alguma forma “compensar” a não possibilidade de um acompanhamento mais sistemático das famílias do “asfalto”, entrevistas mais longas e/ou mais de uma entrevista em cada núcleo familiar foram realizadas ao longo do período da pesquisa. Em alguns domicílios, conversas com as empregadas domésticas das residências e com os porteiros dos prédios, além da entrevista com uma arquiteta cujo escritório está localizado em Copacabana e que atende vários clientes na zona sul da cidade, complementaram as informações das famílias. No caso das famílias da “favela”, ocorreu o contrário, as entrevistas mostraram ter pouco resultado, já que não havia um entendimento do que era a pesquisa (mesmo depois de várias explicações) e, sendo assim, o acompanhamento semanal das famílias em suas mais variadas tarefas se mostrou-se mais eficiente no que diz respeito ao objetivo da pesquisa. Essas questões não chegaram a ser obstáculos ou efetivas dificuldades, uma vez que refletem as particularidades das famílias pesquisadas e das realidades dos campos. Em função dessas questões, como descrito acima, as pesquisadoras adotaram caminhos e estratégias de contato, de interação e de pesquisa que se mostram mais condizentes e eficazes em cada lugar.

#### **4- A “favela” e o “asfalto”: os domicílios, as famílias e a circulação de móveis e eletrodomésticos**

##### Domicílios na Favela

O acompanhamento das famílias foi feito de uma a duas vezes na semana durante todo o dia. Por priorizarmos a etnografia na favela, o número de famílias acompanhadas no local é menor. Salientamos que além da observação direta e participante das três famílias descritas abaixo, entrevistas informais foram feitas com outros moradores, formando uma rede de famílias indicadas pelas famílias descritas abaixo. Estas entrevistas auxiliaram nas informações sobre possíveis destinos e descarte dos móveis e eletrodomésticos. Cabe frisar, que na segunda etapa da pesquisa, no que se refere ao espaço da favela, foram priorizados outros “atores sociais”, pois, os mesmos realizam a intermediação dos objetos entre o “asfalto e a favela”, ou ainda, possuem espaços que podem funcionar como locais limiares, ou seja, locais nos quais os móveis e eletrodomésticos permanecem antes que um novo destino lhes seja dado.

#### Domicílio 1 – Família Silva<sup>5</sup>

Reside na Favela do Pavão em residência alugada – trocaram em setembro de moradia, pois na casa anterior havia problemas de infiltrações e umidade. A família é composta por dois adultos (casal - 32 e 33 anos) e cinco crianças (com idades entre oito e 2 anos). A casa atual possui somente um cômodo e um banheiro. A família encontra-se em situação de extrema pobreza e vive com o dinheiro do Programa do Bolsa Família, de trabalhos informais do marido e de ajuda dos vizinhos e ONGs. A mulher é dona de casa, pois as crianças pequenas e a falta de vagas nas creches próximas não permitem que a mesma trabalhe.

Quando houve a mudança para a nova casa todos os móveis foram trocados (os móveis da antiga casa também eram de doações). Segunda a moradora “casa nova, tudo novo”. Cabe frisar que todos os móveis foram doados por uma ONG e amigos da favela. Primeiramente entregaram um colchão de casal e dois de solteiro, um fogão com somente duas bocas, dois armários pequenos – um utilizado para guardar utensílios domésticos e alimentos, outro para roupas. Posteriormente, ganharam uma pequena mesa usada para colocar a televisão que foi presente da professora do filho mais velho, uma vez que a televisão antiga estragou durante a mudança. No cômodo (casa) ainda há uma pia que já estava na casa. Na mudança para a nova casa foi levado uma geladeira que não funcionava e que apenas alguns dias depois foi colocada fora, pois seu conserto “não valia a pena”. Segundo a moradora a geladeira (que não funcionava) foi levada para “baixo” na entrada da favela pelo marido e um amigo<sup>6</sup>. A família ficou semanas sem geladeira até que uma ONG (que auxilia famílias na favela) conseguiu uma através de doação, como esta era muito grande para o pequeno espaço da casa (uma geladeira duplex antiga) a moradora trocou por uma geladeira menor com uma amiga (família Azevedo).

Um fato interessante é a rede de auxílio que esta família recebe; constantemente vizinhos realizam doações de roupas e brinquedos para as crianças, alimentos como pão e biscoito, e uma amiga deixa que a moradora

---

<sup>5</sup> Todos os nomes e sobrenomes utilizados na descrição das famílias e dos seus membros são fictícios.

<sup>6</sup> A moradora relata que não sabe qual destino é dado aos móveis e eletrodomésticos quando são deixados na rua de acesso à favela, mas acha que a Comlurb deve levar o que não é aproveitado pelo seu Pedro.



utilize a sua máquina de lavar roupas e o computador. A rede de ajuda para a família Silva tem origem tanto no “asfalto” (vertical) como da “favela” (horizontal). As trocas ou compartilhamento para esta família mostram-se importantes, seja materializado através dos objetos (como móveis e eletrodomésticos), ou ainda elementos imateriais como afeto, informações, solidariedade, etc., algo essencial para sobrevivência e permanência dos mesmos na favela.

## Domicílio 2 – Família Azevedo

Residem na divisa entre as favelas do Pavão-Pavãozinho em casa própria. A família é composta por dois adultos (casal - 42 e 43 anos), duas crianças (11 e 6 anos) e um adolescente (15 anos). A renda da família vem do trabalho do casal, o homem é ajudante de cozinha em uma pizzaria de Copacabana, a mulher começou a trabalhar recentemente como auxiliar de limpeza em uma academia no bairro de Botafogo. Com o primeiro salário a mulher comprou um notebook para os filhos, assim segundo ela “eles ficam mais em casa e cuidam da pequena quando estou trabalhando”.

A casa possui uma sala, uma cozinha, um banheiro e um quarto dividido por uma cortina – de um lado um colchão de casal, um ventilador (achado na Rua Saint Roman – rua que dá acesso a favela) e do outro lado um colchão de casal e um de solteiro, além de uma estante de metal com roupas. A sala possui cadeiras de plástico, um tapete que ocupa parte da sala, uma mesa pequena com uma televisão em cima, uma geladeira duplex antiga, um armário de cozinha com as portas quebradas e cheio de roupas. Na parede um banner com propaganda da academia em que a mulher trabalha e um calendário de um escritório de Design, que segundo a própria moradora a irmã trabalha como faxineira. A cozinha é pequena, mas possui um fogão de quatro bocas, uma pia, uma máquina de lavar e prateleiras acima da pia. Na cozinha ainda tem eletrodomésticos como liquidificador e batedeira. Segundo a moradora o armário e a estante de metal foram doados por uma vizinha que iria jogar fora, o liquidificador ela achou no lixo na Avenida Nossa Senhora de Copacabana e pegou. O marido não gostou, mas como estava funcionando lavou bem e ficou. A geladeira foi trocada com a amiga (da família Silva), mas o restante eles compraram à prestação, como salienta a própria moradora. Embora a renda atual do casal permita que os mesmos comprem objetos novos em prestação, há por parte da mulher o gosto por aceitar ou pegar alguns objetos, da rua ou de doação, principalmente quando um vizinho, conhecido (rede horizontal), comenta que não quer mais. Ela atribui esse gosto a um passado muito pobre, no qual passou por necessidades. Através desta moradora é possível evidenciar não somente a troca ou descarte dos bens, mas também o seu acúmulo<sup>7</sup>. Durante a pesquisa frequentemente observamos na casa da moradora os mais diversos objetos em um canto da sala, entre eles uma pequena estrutura de carroça para venda de alimentos, o vídeo de um computador antigo, uma cadeira quebrada, entre outros, os mesmos permaneciam até o marido reclamar, somente assim eram descartados.

---

<sup>7</sup> O tema do acúmulo de bens e objetos não é o foco desta pesquisa, porém é um elemento que merece ser mencionado e futuramente investigado na “favela e no asfalto”.

### Domicílio 3 – Família Pereira

Residem na favela do Cantagalo em casa alugada, mas se inscreveram no programa *Minha casa minha vida*, pois sonham com a casa própria. A família é composta por três adultos (pai/avó 65 anos, filha 29 anos e genro 32 anos) e uma criança (1 ano e meio). A renda da família vem da aposentadoria do pai e do trabalho do casal (ela recepcionista em um hotel em Copacabana e ele garçom em um bar no mesmo bairro). Entre as famílias acompanhadas está a que possui a maior renda e uma casa melhor estruturada e mobiliada. A casa possui uma sala dividida em dois ambientes, uma cozinha, um banheiro e dois quartos. A sala possui um sofá de três lugares na cor creme, uma poltrona marrom, uma estante com uma televisão de tela plana e um computador. Mais ao canto da sala há uma mesa com quatro cadeiras criando um segundo ambiente. Na cozinha há uma pia, um fogão de 4 bocas, uma geladeira, um forno de micro-ondas, dois bancos e dois armários com utensílios de cozinha. No quarto do casal há uma cama, um berço, um guarda-roupa e um criado mudo com um pequeno abajur. Todos os móveis são de madeira de cor clara. O quarto do pai/avó é menor e tem uma cama de casal e um pequeno guarda-roupa.

Segundo o morador (pai/avó) a última compra (realizada a prestação no cartão de crédito da filha) foi uma televisão de tela plana. A televisão antiga foi doada para uma moradora do alto da favela (região conhecida como Vietnã). Questionado porque dou a televisão, este explicou que sempre tem gente precisando e que o melhor é doar, pois recorda que em sua antiga casa, quando a filha era pequena, teve vários móveis de doação.

Na favela, foram pesquisadas famílias cuja estrutura mais comum é a de famílias extensas compostas por casais ou mulheres com vários filhos e parentes (como, avós, pais) residindo em uma mesma casa ou no “puxadinho” que é construído na parte de cima da casa (conhecida como laje). Todas as famílias moram em casas próprias ou alugadas e possuem perfis socioeconômicos distintos. Cabe mencionar que em função das características das favelas cariocas, ou seja, de suas construções verticalizadas nas encostas dos morros, a carência de espaços e o tamanho das casas revela-se um problema para algumas dessas famílias. A partir dos relatos dos moradores e observando a geografia da favela, fica evidente que as famílias mais pobres possuem moradias de madeira, e estão na parte mais alta e de difícil acesso. Além das construções mais precárias, a entrada pelas escadas estreitas e íngremes torna o acesso mais complexo, dificultando a entrega e o descarte de móveis e eletrodomésticos.

No que se refere a circulação de móveis e eletrodomésticos, foram observadas redes verticais e horizontais. Entretanto, a rede horizontal faz parte do cotidiano desses moradores, porque esta envolve relações de reciprocidade. Ou seja, as ajudas e o apoio social envolvem trocas, seja através de elementos materiais ou

imateriais, pois as mesmas estão submetidas às conexões de reciprocidade<sup>8</sup>. Claramente, as trocas, na lógica da reciprocidade social, não ocorrem imediatamente e nem sempre são similares, mas formam um processo que envolve confiança, prestígio, dívida, amizade. Este processo foi observado na favela, uma vez que o cotidiano e vida de parte destes moradores se mostra repleto de dificuldades e carências (MARQUES, 2010).

### Os mediares na favela

Durante a pesquisa com as famílias foram revelados “novos atores” que intermediam e auxiliam na circulação dos móveis e eletrodomésticos, criando uma rede para e com os moradores da comunidade estudada. Entre eles dois se destacam no relato dos moradores da favela, a ONG Solar Menino de Luz<sup>9</sup>, que realiza eventualmente doações de móveis e eletrodomésticos para os moradores, objetos estes provenientes do “asfalto”. A ONG foi a responsável, por exemplo, pelos móveis “novos” da casa da família Silva. Entre os objetos doados estão uma geladeira, três colchões (solteiro e casal) e um fogão. A ONG faz a solicitação de ajuda para os voluntários que trabalham na organização, ou moradores do “asfalto” que costumam colaborar e estes utilizam a sua rede para conseguir os objetos. Entretanto, esta não é a principal função e foco da ONG. O envolvimento com a educação através da escola e da creche para comunidade são consideradas atribuições mais importantes, tornando essa “ponte” de intermediação (dos móveis e eletrodomésticos) entre o asfalto e a favela algo que acontece em situações especiais, como a situação de extremas pobreza em que se encontrava a família Silva.

O outro “ator” que se tornou um informante importante para compreendermos melhor a dinâmica da circulação dos móveis e eletrodomésticos na favela chama-se Pedro. Seu Pedro<sup>10</sup>, como é conhecido, é um baiano de 53 anos que veio para a cidade do Rio de Janeiro com a família aos 14 anos de idade. Sua família fixou residência na Favela do Pavão, local em que casou, nasceram, cresceram e vivem seus três filhos e onde sempre “tirou seu sustento”. Sua atividade consiste em vender móveis e eletrodomésticos usados no acesso das Favelas Pavão-Pavãozinho. Este espaço utilizado por Pedro é o que denominamos de limiares, ou seja, um local em que os móveis e eletrodomésticos são depositados antes de ter um “novo destino”. A origem destes objetos é em sua maioria do “asfalto”, através de doações oriundas dos condomínios de Copacabana e Ipanema. Segundo relatos de seu Pedro isso é possível, pois conhece a maioria dos porteiros e

---

<sup>8</sup> A reciprocidade aqui no sentido estudado por Marcel Mauss (2003), ou seja, como a base dos laços sociais. Mauss em seus estudos observou em sociedades do Pacífico e de indígenas da América do Norte que as relações sociais entre pessoas, assim como entre grupos, envolvem, em primeiro lugar, a circulação de bens e serviços sob a forma da dádiva. Ou seja, dádivas e reciprocidades ocorrem entre sujeitos que agem de maneira deliberada e se lançam nas relações concretas, nas tríades dar, receber e retribuir.

<sup>9</sup> O Solar Meninos de Luz é uma organização civil, filantrópica, em funcionamento desde agosto de 1991. Promove educação formal e complementar em regime integral, cultura, esportes e cuidados básicos de saúde nas comunidades do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, em Copacabana, na Zona Sul do Rio de Janeiro. O Solar localiza-se na Rua Saint Roman, em Copacabana, acesso aos morros do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo.

<sup>10</sup> O nome foi alterado a pedido do morador.

funcionários dos prédios, e estes residem na favela. A figura do porteiro como um dos que auxiliam no descarte dos objetos no “asfalto” foi confirmado em entrevistas e observações na pesquisa com moradores do “asfalto”<sup>11</sup>. Assim, quando um morador quer se desfazer de algo, Pedro é informado pelo porteiro. Então, o mesmo vai até o local, realiza uma avaliação das condições e com seu carrinho acoplado a uma bicicleta<sup>12</sup> traz para a entrada da favela, local em que deixa exposto para venda. Uma vez que, como o próprio salienta: “sempre tem famílias chegando para morar na favela e não têm condições de comprar tudo novo. Eu vendo e ainda entrego em casa, levo para cima”. O mesmo processo é realizado por alguns moradores da favela, ou seja, para o descarte de móveis e eletrodomésticos utilizam o espaço do seu Pedro, doando ou deixando para venda.

Além de realizar a intermediação dos objetivos usados, seu Pedro tem um acordo com os entregadores de lojas de móveis e eletrodomésticos, como por exemplo, Casas Bahia. Sempre que algum morador compra um móvel ou eletrodoméstico nas lojas o caminhão chega até a Rua Saint Roman, a partir daí paga para que Pedro leve até a casa do morador, pois não há como ter acesso com o caminhão.

No que se refere ao descarte, principalmente de eletrodomésticos, praticado no espaço “limiar” em que Pedro realiza seu trabalho, fomos informadas que estes são desmanchados e parte das peças vendidas por ele ou pelos funcionários da Comlurb para algum ferro velho. O local em que Pedro vende os eletrodomésticos fica na rua, portanto, não há proteção, assim os objetos podem estragar ou enferrujar. A zona de coleta da Comlurb fica próximo ao local em que Pedro realiza a exposição dos objetos o que facilita o desmanche e descarte.

Assim, a circulação desses objetos faz parte de redes tanto horizontais quanto verticais, ou ainda uma mescla das duas como o que acontece com os móveis e eletrodomésticos que são vendidos na subida da favela. Em sua maioria esses objetos vem do asfalto, algo já descrito anteriormente, deste modo o que antes era descartado, sem uso no asfalto, ganha na favela um “um novo lar” e passa a fazer parte da vida de uma “nova” família.

### Domicílios do “asfalto”

As famílias pesquisadas tinham diferentes estruturas e composições – casal com filho, casal sem filhos, um homem e uma mulher que vivem sozinhos (solteiro e viúva, respectivamente), avó e netas, mãe e filhos, mas em termos socioeconômicos todas fazem parte da classe média da zona sul do Rio de Janeiro<sup>13</sup>. Essa

---

<sup>11</sup> A atividade de Pedro é denominada pelos moradores do asfalto como “burro sem rabo”. A explicação é relatada na parte da pesquisa sobre o “asfalto”.

<sup>12</sup> Quando o objeto é grande e pesado ele contrata ajudantes, também moradores da favela. Em um dos dias de observação, seu Pedro buscou uma geladeira duplex (modelo antigo) em um prédio na Rua Bolívar em Copacabana. Ele e mais um ajudante amarraram a geladeira em um carrinho grande e os dois puxaram até o local onde ficou exposta.

<sup>13</sup> A exceção seria Danilo, que, além de não ser carioca, vive em um conjugado em Copacabana, mas sua família é de classe média (embora pais e irmãos residam no Rio Grande do Sul).

intencional diversidade de estruturas familiares procurou dar conta do mosaico das variadas relações sociais presentes nos domicílios, nas ruas e nos bairros da cidade.

#### Domicílio 1 – Família Alves

A família, que reside em um apartamento próprio de três quartos em Ipanema, é composta por casal e uma filha de 5 anos. A esposa, de 39 anos, é designer e o marido, de 45 anos, músico. Ambos trabalham em suas áreas de formação. De segunda a sexta-feira contam com o trabalho de uma empregada doméstica que dorme na residência três noites na semana. Moram há mais de 10 anos no imóvel e antes residiam em uma casa de vila no Rio Comprido, bairro da zona norte da cidade.

A planta do imóvel foi alterada e um dos quartos foi transformado em estúdio para o marido; isto demandou, entre outras coisas, uma reforma para revestimento acústico. Com relação aos móveis, há aspectos que chamam atenção no apartamento. Grande parte dos móveis foi recebida da irmã do marido (rede horizontal) – sofá da sala, *puff*, mesa de jantar e cadeiras, que se desfez de vários móveis quando se mudou para um novo apartamento. Há uma poltrona de estofamento florido localizada na sala, que tem uma “vida social” bastante interessante: era originalmente do avô do marido, esteve na casa do Rio Comprido, e, no apartamento de Ipanema, já esteve no quarto do casal (como poltrona de leitura), no quarto da filha (como poltrona de amamentação) e atualmente está na sala, próxima ao sofá. Durante sua trajetória, a poltrona foi reformada por duas vezes para receber novo estofamento. No apartamento há muitos objetos relacionados à atividade profissional do marido; além daqueles instalados no estúdio, há equipamentos de som na sala, como um amplificador e uma vitrola, e várias guitarras no quarto de empregada. Durante o tempo de pesquisa, uma estante foi incorporada aos demais móveis da sala. Projetada por uma arquiteta e confeccionada por um marceneiro, a estante é o móvel onde livros, LPs e *home theater* são alocados.

#### Domicílio 2 – Família Barbosa

A família, que reside em apartamento próprio de três quartos em Ipanema, é composta por um casal de aproximadamente 55 anos. A esposa é psicóloga aposentada e o marido, engenheiro. O casal não tem filhos em comum, mas o marido tem um filho de 27 anos, fruto de um relacionamento anterior, que não mora com o casal.

Luiza, a esposa, mora na mesma rua desde a infância, tendo residido em outros três apartamentos antes de se mudar para o atual, onde mora há 15 anos. Não há empregadas domésticas, sejam mensalistas, diaristas ou faxineiras, trabalhando na residência e, por isso, todo o serviço doméstico é realizado por ela, que afirma ser uma tarefa simples e rápida, pois a própria decoração da casa, com poucos objetos, facilita a arrumação, a limpeza e a manutenção.

Um aspecto importante observado na residência foi a preferência por móveis fabricados na cidade de Gramado<sup>14</sup>, uma vez que o casal gosta muito daquela cidade e do estilo dos móveis de madeira lá fabricados. Há 15 anos, quando se mudaram para o apartamento, a cozinha foi toda projetada, fabricada e instalada por uma loja de Gramado, tornando-se o cômodo da casa mais apreciado pelo casal.

O sofá da sala, também um móvel de Gramado, composto de uma estrutura de madeira e almofadas no assento e no encosto, teve as almofadas reformadas (recebeu novas capas) por Luiza, que possui uma máquina de costura em um dos quartos, que foi transformado em uma espécie de ateliê de costura. Desse ateliê já saíram outros elementos para a casa, como, por exemplo, as atuais cortinas da sala e o estofamento da cadeira de balanço que fica na sala.

Quanto aos descartes, que são poucos, o último (durante o período da pesquisa) foi o do ar condicionado que quebrou. Luiza pediu ajuda ao porteiro para que ele a avisasse quando passasse pela rua o carro de ferro velho, pois sua intenção era vendê-lo como sucata, mas o porteiro quis o aparelho e, então, ela entregou a ele (rede vertical). Já tendo sido síndica do prédio onde mora, ela relatou sobre o problema que enfrentava com frequência durante aquele período: o descarte de móveis, de eletrodomésticos e de objetos de decoração variados que os moradores não queriam mais e que os porteiros do prédio, muitas vezes a pedido dos moradores, levavam para uma área da garagem, onde esses objetos eram amontoados, prejudicando a circulação dos carros e gerando reclamações de alguns moradores. De um lado, os porteiros diziam estar ajudando os moradores ou diziam querer os objetos, mas, de outro, havia a dificuldade de transportar esses objetos doados para suas residências, o que acarretava a demora em retirá-los da garagem.

### Domicílio 3 – Carmen

Viúva de 84 anos, Carmen mora sozinha desde a morte do marido, há 12 anos, em apartamento próprio de três quartos em Ipanema. Vive no mesmo apartamento há 18 anos, mas antes de comprar esse imóvel, ela e o marido residiram por pouco tempo em Copacabana, depois de se mudarem do Grajaú, bairro na zona norte do Rio de Janeiro. Carmen tem uma filha que mora no bairro da Lagoa, também na zona sul da cidade, e uma neta, que vive no bairro da Barra, na zona oeste, com marido e filho, bisneto de Carmen. Embora ela os visite com regularidade, não se imagina vivendo com eles numa mesma casa. Há uma diarista que ali trabalha apenas dois dias na semana, pois Carmen atualmente não vê necessidade de uma empregada por mais dias ou que durma na residência – embora imagine que daqui a alguns anos poderá precisar de uma acompanhante. Pensando nisso, ela já tem planos claros, e definiu que essa acompanhante dormirá em um dos quartos, que já está mobiliado com armários embutidos e uma cama de solteiro.

O apartamento tem três quartos, sendo que um foi transformado em sala para TV e computador (um *notebook*), local onde Carmen mais costuma ficar quando está em casa. Como recebe uma excelente pensão

---

<sup>14</sup> Gramado, cidade do estado do Rio Grande do Sul, reconhecida como polo moveleiro de destaque no país.

do marido falecido e gosta de ter a casa bem decorada e arrumada, já fez várias reformas no apartamento – nos quartos, no banheiro e na cozinha. Uma vizinha relatou que são frequentes as obras no apartamento e que “ela sempre está inventando alguma coisa [em relação à casa e a obras]”. Carmen, logo no início da entrevista afirmou: “Eu amo a minha casa. Se tiver que comprar [referindo-se a objetos para casa] ... compro mesmo”. Enquanto estava vivo, o marido costumava decidir sobre os móveis e a decoração, então, depois de enviuvar, passou a se sentir bem por poder tomar todas as decisões sobre a casa e sobre seus objetos.

Além das obras no apartamento, Carmen renova constantemente os móveis, seja comprando novos, mandando fazê-los sob medida ou reformando os antigos. Quanto aos eletrodomésticos, ela revela não ter tanto interesse quanto tem por móveis, mas troca sempre que é preciso, ou seja, quando funcionam mal ou quando param de funcionar. Quanto aos descartes, ela afirma se sentir uma pessoa “contemplada” e por isso não acha correto vender aquilo que não quer mais; em vez disso ela doa “para quem precisa” (rede vertical). Essas doações podem ser tanto para pessoas conhecidas, como para desconhecidos – como, por exemplo, para asilos que pessoas amigas indicam.

Quando a primeira entrevista foi feita, estava no apartamento o Leonardo, um dos porteiros do prédio e que costuma fazer pequenos serviços para ela, como pinturas e acabamentos de paredes e móveis, consertos de móveis e eletrodomésticos. Naquele dia, ele estava consertando armários da cozinha e havia, dias antes, pintado de azul um móvel que atualmente fica no quarto em que Carmen dorme, mas antes esse móvel ficava na sala e em seguida foi deslocado para o quarto, ganhando uma nova cor.

#### Domicílio 4 – Danilo

Solteiro, Danilo tem 22 anos e é estudante universitário. Mora sozinho em um apartamento conjugado alugado em Copacabana e está na cidade há relativamente pouco tempo, desde 2011, vindo de Porto Alegre. Os pais e os dois irmãos continuam vivendo no Rio Grande do Sul. A mãe, que o orientou e o ajudou (inclusive financeiramente) na escolha e na compra dos móveis e dos objetos de decoração do conjugado, o visita com certa regularidade. A mãe interfere bastante nesse aspecto, o que faz com que Danilo sinta que o apartamento não reflete muito a sua personalidade.

O apartamento está localizado em prédio onde todos os apartamentos são conjugados e Danilo o alugou há aproximadamente dois anos. À época já havia um armário embutido, deixado pelo antigo inquilino, e, devido ao contrato que assinou com a imobiliária, não pôde tirá-lo, mas gostaria de se desfazer do objeto, pois não o utiliza. Já havia também outros pequenos móveis, como uma estante que serve como divisória entre a cozinha e o restante do apartamento. Alguns móveis e eletrodomésticos, como o sofá-cama, o ventilador, a TV e uma mesa – que teve que ser cortada por ele para caber no espaço do conjugado – foram “emprestados” (leia-se doados) por uma família de amigos (rede horizontal) que estava reformando a casa quando Danilo se mudou para o apartamento. Muito ligado à música, Danilo tem uma bateria eletrônica, um

violão e um teclado (emprestado) que ocupam um canto perto da janela do apartamento. Quanto a descarte, não se lembra de ter se desfeito de nenhum móvel, eletrodoméstico ou outro objeto do apartamento desde que passou a morar ali.

#### Domicílio 5 – Família Esteves

A família, composta por mãe e um casal de filhos, reside há quatro anos em um apartamento alugado de três quartos em Ipanema, mas possui um imóvel próprio em um bairro próximo, também na zona sul da cidade, que encontra-se alugado. A mãe, Ana, é médica homeopata e os filhos, que têm em torno de 20 anos, são estudantes universitários. Uma empregada doméstica trabalha há muitos anos com a família.

A maioria dos móveis do apartamento veio da residência anterior e alguns outros foram herdados do pai de Ana (esses possuem grande valor sentimental) ou doados por um amigo de Ana. Há alguns móveis no quarto que Caio, o filho, que foram doados por esse amigo da família (rede horizontal) queria se desfazer de móveis que eram do quarto da filha que passou por uma reforma.

Em 2013, uma profissional especializada em *Feng Shui* reorganizou o apartamento, especialmente a sala, seguindo as orientações dessa técnica chinesa de harmonização de ambientes. É possível observar no apartamento vários elementos decorativos e móveis de origem ou de inspiração oriental.

Com relação aos descartes, estes ocorrem com pouca frequência, quando um objeto quebra ou um eletrodoméstico perde sua utilidade no contexto familiar, como foi o caso de uma televisão antiga que foi trocada por uma nova televisão mais moderna, de LCD. Ainda sobre descarte, Caio revelou que existe no último andar do prédio – um prédio de três andares, sem elevador – um quarto que originalmente seria uma moradia para o porteiro, mas que serve de depósito para objetos, especialmente móveis, que os moradores não querem mais ou não sabem como descartar definitivamente. Esse quarto permite que os moradores se desfaçam dos objetos indesejados sem ocupar espaço em seus apartamentos.

#### Domicílio 6 – Família Fraga

Viúva há dez anos, Helena vive em apartamento próprio de quatro quartos em Copacabana há mais de quarenta anos. Há cinco anos, duas netas, na faixa dos 20 anos, saíram da casa dos pais em Vargem Grande e passaram a morar com ela, a fim de ficarem mais próximas à faculdade e ao trabalho. No apartamento também mora uma empregada doméstica que trabalha há 20 anos para Helena. O espaçoso apartamento de quatro quartos, em um prédio de apenas um apartamento por andar, que sempre foi bastante movimentado pela presença dos familiares (Helena teve três filhos e cinco netas), passou a ficar ainda mais movimentado com a vinda das duas netas, pois há sempre a presença de seus namorados e amigos nos finais de semana.



O quarto que foi transformado em sala de televisão é o cômodo mais utilizado por Helena no dia a dia, já as duas salas – de estar e de jantar – são pouco utilizadas durante a semana, mas, nos finais de semana, são os espaços para receber a família e os amigos das netas.

Todas as obras de modificação do apartamento foram feitas por um arquiteto contratado logo após a compra do imóvel, antes da família se mudar para lá. Uma decoradora também foi contratada para organizar o apartamento. No apartamento há dois quartos de empregada, ambos utilizados pela empregada doméstica que trabalha na casa, embora um desses quartos também sirva para acomodar um freezer e um espaço para roupas para passar.

Uma característica marcante do domicílio é que há anos nenhum objeto é retirado da casa, uma vez que sua proprietária está satisfeita com seus móveis e com sua decoração, ambas de estilo mais clássico, ou como diz Helena, “um estilo mais antigo”. Alguns móveis e objetos de decoração acompanham a família há realmente muitos anos e foram trazidos de outros apartamentos em que o casal morou antes de se mudar para o atual. Novos objetos não são adquiridos há muito tempo e, portanto, o descarte de móveis é inexistente. Helena afirmou que nunca se desfez de nenhum móvel do apartamento (alguns já foram reformados, reestofados ou consertados), já em relação aos eletrodomésticos, o descarte existe, embora também seja pequeno, uma vez que só são descartados quando já tiveram muitos anos de uso. Quando ainda estão funcionando são doados, como a antiga geladeira que foi doada à manicure de Helena (rede vertical), e quando não funcionam e são pequenos, como um liquidificador, são jogados fora.

Ao longo dos meses da pesquisa poucas mudanças ocorreram nos domicílios pesquisados no “asfalto”, em relação aos móveis e eletrodomésticos: alguns sofás receberam novos estofados, uma estante foi introduzida na sala, mas, no geral, nenhuma grande mudança foi observada ou relatada pelos entrevistados. Como poucas mudanças ocorreram, poucos descartes foram realizados; apenas pequenos objetos, especialmente eletrodomésticos, como liquidificadores e micro-ondas que deixaram de funcionar foram descartados. Nesses casos, esses eletrodomésticos foram colocados nas lixeiras dos prédios ou doados a pessoas interessadas (que sabiam que o objeto não funcionava mais). Na família Alves, uma estante em estrutura de ferro, que deu lugar a uma nova estante na sala, foi descartada e a solução encontrada foi levá-lo para a casa do pai de um dos cônjuges (rede horizontal), ainda que o pai não tivesse demonstrado interesse pela estante. Outro pequeno móvel, que também ficava do lugar onde hoje encontra-se a estante, foi colocado na varanda do apartamento até que um destino final seja dado a ele.

Além das visitas e entrevistas em profundidade com os membros das famílias, fez parte do trabalho de campo a circulação periódica por uma rua que se tornou a base a partir da qual o trabalho de campo se estruturou. Trata-se de uma tranquila e arborizada rua residencial, situada na “divisa” entre os bairros de Copacabana e Ipanema, que está localizada a duas quadras da praia de Ipanema e a quatro quadras da praia

de Copacabana. Alguns dos entrevistados residem em prédios localizados nesta rua que, não obstante ser caracteristicamente uma rua de classe média alta da zona sul do Rio de Janeiro, fica relativamente próxima a outra rua que dá acesso à favela do Pavão/Pavãozinho, proximidade comum na cidade do Rio, na qual favela e asfalto compõem e integram o cenário urbano. A rua foi estrategicamente escolhida por estar na divisa dos dois bairros e por estar próxima à favela, o que permite analisar elementos do cotidiano de uma região de classes média e média alta, mas que tem nos arredores um agrupamento residencial de baixa renda. Assim, nessa rua e no seu entorno não é incomum, por exemplo, avistar pessoas puxando carroças com móveis e objetos descartados em direção ao acesso à favela.

Bem próxima a esta rua, encontra-se também uma loja de móveis usados, que foi visitada algumas vezes durante a pesquisa e, além da observação da loja e dos objetos (majoritariamente móveis, mas também alguns objetos de decoração, como abajures, lustres e vasos), foi possível conversar com uma das vendedoras e manter um breve contato com o proprietário da loja. Todos esses elementos que caracterizam a rua a tornam um ponto de observação importante para a pesquisa que pretendeu analisar a circulação e a vida social de móveis e eletrodomésticos.

Nos primeiros meses já se revelava a importância de contar e entrevistar profissionais que de alguma maneira estão implicados na circulação dos bens, especialmente no que tange aos descartes que as famílias necessitam realizar. De um lado, porteiros, pois são destinatários e/ou intermediários dos móveis e eletrodomésticos descartados, e, de outro lado, arquitetos, que são contratados para reformar e redecorar imóveis e que, portanto, se envolvem não só na compra, mas também no descarte dos objetos presentes nos domicílios. Foi entrevistado um porteiro, Leonardo<sup>15</sup>, que trabalha há mais de dez anos em um dos prédios da rua tomada como base para a observação. Foi também entrevistada uma arquiteta que reside e mantém um escritório de arquitetura em Copacabana, e que possui muitos clientes residentes naquele bairro e em bairros próximos.

Esses contatos e essas entrevistas com porteiros e com a arquiteta reforçaram e deixaram mais evidentes as percepções no contato com as famílias. Em primeiro lugar, ficou claro que os porteiros dos prédios residenciais são as pessoas a quem os moradores comumente recorrem para auxiliá-las na tarefa de descarte de objetos que não são mais desejados ou úteis nas residências. São eles, portanto, não só os destinatários dos descartes na forma de doação como também intermediários entre as famílias e as pessoas que recebem esses objetos descartados/doados. Esses receptores podem ser amigos, vizinhos, parentes dos porteiros ou mesmo pessoas com as quais os porteiros não têm uma relação próxima, como, por exemplo, aquelas pessoas, homens prioritariamente, que passam pelas ruas dos bairros recolhendo materiais diversos descartados que ainda podem ser aproveitados e revendidos – alguns popularmente conhecidos como “burro

---

<sup>15</sup> Leonardo é o porteiro que estava na casa de Carmen, durante a primeira visita, consertando móveis da cozinha. Ele se tornou um importante informante, pois, pelo fato de trabalhar há muitos anos no mesmo prédio, conhece bem a dinâmica da rua e do entorno. Conhece também as estratégias de descarte das famílias do “asfalto” e, por morar em uma favela próxima, é muitas vezes um mediador privilegiado desses descartes.

sem rabo” (coletores que puxam carroças manuais) ou pessoas que dirigem carros de “ferro velho”. Os porteiros intermediam as relações entre esses dois polos – doadores e receptores, pois são eles a quem os donos de carros de “ferro velho” e os “burros sem rabo” recorrem para saber se há materiais e objetos a serem descartados. Do outro lado, os moradores costumam avisar aos porteiros que em seus apartamentos há objetos que precisam e estão à disposição para serem retirados.

## **5- Conclusões: as mediações entre a “favela” e o “asfalto”**

As duas questões que nortearam a pesquisa – *O que leva os móveis ou os eletrodomésticos a serem descartados?* e *Como descartar esses móveis e eletrodomésticos?* – devem ser compreendidas, na favela, a partir das dificuldades geográficas enfrentadas pelos seus moradores, além dos seus aspectos socioeconômicos, uma vez que algumas famílias estão em situação de pobreza. Entretanto, essas dificuldades não impedem que haja uma vida social de móveis e eletrodomésticos na comunidade. Portanto, percebemos que o descarte dos móveis e eletrodomésticos acontece quase sempre quando o objeto estraga e seu conserto “não vale a pena”, ou ainda quando sucede uma compra ou o ganho de “algo melhor, mais novo”. Há também moradores que reaproveitam eletrodomésticos descartados no lixo e que estão funcionando, mas poucos admitem que o fazem. Por outro lado, o ganho de móveis e eletrodomésticos vem de moradores da favela que trocam seus objetos ou de doações vindas do “asfalto”, mas que são “intermediadas”, quase sempre, por esses moradores.

Com relação ao descarte, este passa a ser um problema, pois se o objeto estiver quebrado é necessário levá-lo para “baixo”, o que significa depositá-lo na rua principal que dá acesso à favela, ao lado do local no qual a Comlurb faz o recolhimento do lixo da comunidade. Este deslocamento gera gastos, uma vez que é preciso pagar alguém que realize (moradores da favela) este tipo de transporte. Por isso, em alguns casos os eletrodomésticos e móveis ficam por um tempo em um canto da casa dividindo o espaço com o “novo”. Outro destino dado aos móveis e eletrodomésticos, mas estes em bom estado de conservação, é a doação para membros de famílias consideradas mais pobres. É comum perguntar aos vizinhos, amigos e familiares se conhecem alguém que possa querer/precisar do objeto, porém o beneficiário é que deve providenciar o transporte até sua residência.

No asfalto, duas perguntas de base são respondidas de maneira diferente do que acontece na favela. As respostas à pergunta relativa à motivação para o descarte giram em torno de questões como: o objeto deixou de funcionar ou foi danificado; o objeto foi considerado “velho”; o objeto deixou de combinar com o restante dos objetos da casa (quando outros objetos são introduzidos, quando há reforma ou redecoração de um cômodo ou de toda casa); “cansou-se” do objeto; mudança de fase da vida dos filhos (nesses casos berços e pequenos armários precisam dar espaço a outros e maiores móveis). Já com relação à segunda pergunta – *Como descartar esses móveis e eletrodomésticos?* – esquematicamente, podem ser apontadas

algumas possibilidades: doação (para empregados, parentes ou mesmo pessoas desconhecidas); lixo (simplesmente colocando os objetos na lixeira do prédio ou fazendo uso dos serviços de recolhimento da Comlurb); venda (para lojas de móveis usados, em sites específicos de venda e troca de objetos ou em redes sociais, por exemplo). O que fica claro é que o descarte de um móvel ou eletrodoméstico pode ser uma tarefa difícil para as famílias, pois muitas vezes não há para quem doar o bem e não se tem ou não se sabe sobre alternativas de destino para objetos de grandes dimensões, como são alguns móveis e eletrodomésticos. Algumas vezes, embora as pessoas conheçam, por exemplo, o Exército da Salvação ou o serviço de retirada de entulhos e bens inservíveis da Comlurb, consideram essas alternativas difíceis de serem concretizadas. Especificamente em relação às doações, foram verificadas duas posições diferentes em relação ao ato de doar móveis e eletrodomésticos. Se, por um lado, pode ser expressado o desejo de procurar doar um objeto para uma pessoa que se considere que “precise” e “mereça” o item, de outro lado, pode ser expressado claramente que as doações são formas mais simples e baratas de “se livrar dos objetos”, não se importando realmente com o destino ou com quem receberá esses objetos. Porteiros e empregadas domésticas são destinatários principais de móveis e eletrodomésticos descartados pelas famílias de classe média pesquisadas. Além de receberem esses bens em doação, porteiros e domésticas podem atuar como mediadores das doações, ou seja, os objetos não lhes interessam, mas eles conhecem alguém que “precisa” e/ou que gostaria de receber esses objetos dos quais as famílias querem se desfazer, um familiar, um amigo, um conhecido, um vizinho. Em outros casos as famílias apenas sabem que os porteiros “dão um jeito”, “dão um destino”, “dão um fim” aos objetos que elas não mais desejam manter em casa. Esse destino ignorado pelas famílias pode ser, inclusive, o lixo.

A pesquisa com as famílias mostrou, no que tange às dinâmicas socioculturais que permeiam a circulação e a trajetória de móveis e eletrodomésticos entre lares de diferentes classes sociais, que há tanto redes verticais como redes horizontais na circulação de bens. Explicando melhor aquilo que estamos nomeando como redes horizontais e redes verticais, ouvimos e registramos nas casas de classe média do asfalto, histórias de móveis e de eletrodomésticos que foram doados a pessoas de classe mais baixa (rede vertical), mas também objetos que foram doados a amigos ou parentes também de classe média (rede horizontal). Além disso, observamos objetos que foram recebidos via doação de amigos ou parentes (rede horizontal). Nas famílias de classe baixa nas comunidades, observamos não só os móveis e eletrodomésticos que foram doados por pessoas de classe média do asfalto (rede vertical), mas também um movimento de doação e de troca desses objetos entre as famílias da favela (rede horizontal). A existência dessas redes horizontais e verticais mostra que móveis e eletrodomésticos circulam entre e intra classes sociais. Essa circulação expõe relações de sociabilidade, que podem ser de caráter familiar, de amizade, de vizinhança ou de trabalho, presentes especialmente na doação e, em menor medida, na venda ou na troca dos objetos. Cabe lembrar as considerações feitas diversas vezes por Miller (2002, 2007, 2010, 2012) de que, ao estudarem-se as relações entre pessoas e coisas, estudam-se, na verdade, as relações entre pessoas. Assim, mediados por objetos, os

relacionamento humanos se afirmam e reafirmam, relações sociais são estabelecidas, mantidas, reforçadas ou, em certos casos, rompidas.

Outro aspecto que a pesquisa trouxe à luz foi a relativa dificuldade que, por vezes, as famílias estudadas, independente da classe social, enfrentam no processo de descarte de um móvel ou eletrodoméstico. Quando a doação, em geral a primeira opção pensada para se desfazer de um desses objetos, ou a venda não são possíveis, passa-se a alternativas que via de regra não mais morosas ou complexas/complicadas, como, por exemplo, o acionamento da Comlurb para a retirada do objeto.

Por fim, com relação à vida social dos móveis e eletrodomésticos, a pesquisa conclui que ao longo de suas trajetórias de vida, alguns desses objetos são deslocados para “espaços limiares”, espaços da casa ou da rua que são utilizados pelas famílias para “encostar”, a princípio em caráter provisório, os objetos que não são mais úteis ou desejados. Exemplos claros de “espaços limiares” no asfalto são as garagens e os pequenos apartamentos que existem em alguns prédios, em geral destinados à residência de porteiros, mas que podem ser transformados em verdadeiros depósitos de objetos de todo tipo descartados pelos moradores. São também “espaços limiares” os quartos de empregada, cômodo que muitas famílias utilizam como espaços para guardar objetos que ainda não têm um destino definido. Na favela, na falta de um quarto de empregada ou de uma garagem, o “espaço limiar” mais comumente visto é um canto da rua, onde os moradores depositam os objetos que não querem mais, ou esses objetos permanecem dentro de casa, misturados e disputando espaço com os demais, até que seu destino seja decidido. Após passarem por esses “espaços limiares”, o destino desses objetos é incerto: alguns podem ganhar uma sobrevida, retornando a algum cômodo da casa ou indo para uma nova residência, enquanto outros vão para o lixo ou são destruídos, concluindo seu ciclo de vida.

## Referências

APPADURAI, A. (Org.). **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da UFF, 2008.

ATHAYDE, C. Periferia: favela, beco, viela. In: BOTELHO, A. SCHWARCZ, L. M.(Orgs.). **Agenda brasileira**: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DOUGLAS, M. ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora: UFRJ, 2004.

CALDEIRA, T.P.R. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da Periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

- \_\_\_\_\_. Consumo, logo sei que existo. In: **BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. Cultura, consumo e identidade. São Paulo: Editora FGV, 2007.**
- FONSECA, C. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.
- KOPYTOFF, I. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, A. (Org.). **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niterói: Editora da UFF, 2008.
- MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência etnográfica. **Horizontes Antropológicos**, ano 15, n. 32, jul/dez. 2009.
- MARQUES, E. **Redes Sociais, Segregação e Pobreza.** São Paulo: Editora UNESP, 2010
- MAUSS, M.. Ensaio sobre a dádiva. In: **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MILLER, D. (Ed.) **Home possessions: material culture behind closed doors.** Oxford: Berg, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Teoria das compras.** São Paulo: Nobel, 2002.
- \_\_\_\_\_. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.
- \_\_\_\_\_. **The comfort of things.** Polity Press: Cambridge, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Trecos, troços e coisas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MACHADO DA SILVA, L. A. A política das favelas. **Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social**, v. 4, n. 4, out/nov/dez, 2011.
- PEIRANO, M. **A favor da etnografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- SAHLINS, M. **Cultura e razão prática.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres.** 2ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- SIMMEL, G. **The philosophy of money.** London: Routledge, 1978.
- VALLADARES, L. P. **A invenção da favela.** Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ZALUAR, A. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.** 2ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.